www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v.30, n.164, 2026 | DOI: 10.69849/aqfdhg66

# O brincar na educação infantil: a ludicidade como caminho para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança

Play in early childhood education: playfulness as a path to child development and learning

Fernanda Lima de Abreu

Railane Bento Vieira Sabóia (Orientadora)

**RESUMO**

Brincar é uma das experiências mais importantes da infância. É enquanto brinca que a criança explora o que está ao seu redor, inventa histórias, expressa sentimentos, conversa com outras crianças e descobre diferentes maneiras de resolver situações. Muitas vezes, uma brincadeira começa com algo simples, como uma caixa, uma boneca ou uma música, mas pode se transformar em uma experiência cheia de imaginação e aprendizagem. Este artigo discute a importância do brincar na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento da criança. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa, com base em documentos oficiais e estudos sobre o tema. A leitura das publicações permitiu refletir sobre o brincar como direito da criança, sua relação com o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social e o papel do professor na organização de experiências lúdicas. A discussão destaca que brincar não deve ser tratado apenas como passatempo ou recompensa, mas como parte da prática pedagógica e da vida da criança. Conclui-se que garantir esse direito exige tempo, espaços adequados, materiais acessíveis e educadores atentos às diferentes formas de participação.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Brincar. Ludicidade. Desenvolvimento infantil. Aprendizagem.

**ABSTRACT**

Playing is one of the most important experiences of childhood. Through play, children explore the world around them, create stories, express feelings, communicate with others and discover different ways to deal with situations. A simple object, such as a box, a doll or a song, can become the starting point for imaginative experiences and learning. This article discusses the

importance of play in Early Childhood Education and its contributions to child development. A qualitative narrative literature review was carried out, based on official educational documents and academic studies on the subject. The selected publications supported reflections on play as a child's right, its relationship with physical, cognitive, emotional and social development, and the teacher's role in organizing playful experiences. The discussion emphasizes that play should not be seen merely as entertainment or a reward, but as an essential part of pedagogical practice and childhood itself. It concludes that protecting this right requires time, suitable spaces, accessible materials and educators who are attentive to children's different ways of participating.

**Keywords:** Early Childhood Education. Play. Playfulness. Child development. Learning.

## 1 INTRODUÇÃO

A infância é um tempo de descobertas. No dia a dia, uma criança pode transformar uma caixa em carrinho, inventar uma conversa entre bonecos ou criar regras para uma brincadeira com os colegas. Para quem observa de perto, essas situações mostram que brincar não é simplesmente ocupar o tempo: é uma maneira de conhecer o mundo, experimentar possibilidades e se relacionar com outras pessoas. Estudos sobre a brincadeira destacam justamente essa ligação entre imaginação, cultura e desenvolvimento infantil (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006; RIVERO; ROCHA, 2019).

Por isso, ao falar da Educação Infantil, é importante olhar para o brincar como uma experiência que tem valor em si mesma. A criança não precisa estar sempre realizando uma tarefa com começo, meio e resultado esperado para estar aprendendo. Em uma brincadeira, ela pode testar ideias, mudar de opinião, combinar regras e descobrir outras formas de fazer algo. Isso não significa que toda brincadeira ensine um conteúdo específico, mas que nela existem oportunidades de desenvolvimento que merecem ser respeitadas (PIMENTEL, 2008).

Apesar dessa importância, nem sempre a brincadeira recebe o espaço necessário dentro das instituições. Em algumas rotinas, ela fica restrita ao recreio ou aparece somente depois que as atividades consideradas mais importantes terminam. Quando isso acontece, passa-se a mensagem de que brincar é algo secundário. A discussão sobre o papel dos jogos e das brincadeiras na prática pedagógica mostra que eles precisam ser considerados no planejamento, e não deixados apenas para os momentos que sobram (COTONHOTO; ROSSETTI; MISSAWA, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular apresenta as interações e a brincadeira como eixos estruturantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil. O documento também

assegura seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Essa orientação reforça que a criança deve ter oportunidades de participar ativamente das experiências, fazer escolhas e construir conhecimentos nas relações com outras crianças e com os adultos (BRASIL, 2018).

Na prática, respeitar esses direitos significa escutar as crianças e levar a sério aquilo que desperta sua curiosidade. Também significa organizar uma rotina em que haja tempo para brincar, explorar materiais e conviver. O professor pode planejar propostas e apresentar novidades, mas precisa estar aberto ao que as crianças criam durante a atividade. Muitas vezes, uma ideia que surge espontaneamente acaba levando o grupo a caminhos que não estavam previstos no planejamento. Essa organização precisa considerar os direitos de aprendizagem previstos na BNCC (BRASIL, 2018).

As brincadeiras também revelam um pouco da vida de cada criança. Nas histórias inventadas aparecem palavras que escutam em casa, músicas conhecidas, costumes da comunidade e situações que fazem parte de sua realidade. Por esse motivo, não existe uma única maneira de brincar. Os repertórios infantis são construídos nas relações sociais e culturais, como apontam Queiroz, Maciel e Branco (2006) e Rivero e Rocha (2019).

Diante dessas questões, este artigo procura refletir sobre a seguinte pergunta: de que maneira o brincar, como experiência própria da infância e prática da Educação Infantil, contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças? O objetivo geral é discutir essas contribuições, considerando também a responsabilidade do professor e da instituição em garantir experiências lúdicas significativas.

A escolha do tema está relacionada à importância de reconhecer a criança como alguém que vive plenamente sua infância, e não apenas como um aluno que precisa se preparar para as etapas seguintes da escolarização. Pensar sobre o brincar é pensar sobre o respeito às necessidades, aos interesses e às formas de expressão das crianças. É também refletir sobre a escola que queremos construir: um espaço em que aprender e brincar possam caminhar juntos.

## 2 METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, com abordagem qualitativa e caráter descritivo. A escolha desse caminho permitiu reunir ideias de pesquisadores e documentos educacionais para refletir sobre o brincar na Educação Infantil. Diferentemente de uma revisão sistemática, este trabalho não pretende esgotar toda a produção científica sobre o tema nem seguir um protocolo de seleção exaustivo.

Foram consultados documentos oficiais da educação brasileira e artigos acadêmicos disponíveis em periódicos científicos e bases de pesquisa, com atenção a materiais encontrados na SciELO, na PePSIC e em revistas universitárias. A busca considerou publicações relacionadas à brincadeira na infância, ao desenvolvimento infantil, à ludicidade e à prática pedagógica.

A seleção priorizou textos em língua portuguesa que tratassem diretamente da brincadeira na Educação Infantil, de suas relações com o desenvolvimento e a aprendizagem e da atuação do professor. Também foi considerada a contribuição da Base Nacional Comum Curricular para compreender o brincar como direito de aprendizagem e desenvolvimento.

Após a leitura, as ideias foram organizadas em temas que orientam o artigo: o brincar como direito e expressão da infância; suas contribuições para diferentes dimensões do desenvolvimento; o papel do professor; e os desafios para garantir a brincadeira no cotidiano escolar. A análise buscou aproximar as contribuições dos autores, sem deixar de considerar os limites de cada estudo.

Por ser uma pesquisa bibliográfica, não foram realizadas entrevistas, observações em sala de aula ou atividades com crianças. Assim, as reflexões apresentadas resultam da leitura e da interpretação das publicações consultadas, e não de uma investigação de campo.

## 3 O BRINCAR COMO DIREITO E EXPRESSÃO DA INFÂNCIA

Quando brinca, a criança experimenta o mundo do seu jeito. Uma caixa pode virar uma casa, um tecido pode se transformar em capa e um espaço da sala pode se tornar um mercado ou uma escola. A imaginação permite que ela dê novos sentidos aos objetos e crie situações a partir do que conhece. Nessas experiências, a criança mistura lembranças, observações e ideias próprias, construindo novas possibilidades.

Queiroz, Maciel e Branco (2006) ajudam a compreender a brincadeira como uma atividade construída nas relações sociais e culturais. Isso quer dizer que o modo de brincar tem ligação com as experiências de cada criança, mas também se transforma quando ela brinca com outras pessoas. Ao combinar personagens, criar regras e negociar o rumo da história, as crianças compartilham significados e aprendem umas com as outras.

Rivero e Rocha (2019) também mostram como as brincadeiras se relacionam com a vida social das crianças e com os contextos em que estão inseridas. Essa reflexão é importante para a escola, pois cada criança chega com histórias, costumes e conhecimentos que fazem parte de sua formação. Observar as brincadeiras pode ajudar o professor a conhecer melhor o

grupo, desde que tenha cuidado para não atribuir um significado definitivo a cada gesto ou comportamento.

No âmbito das políticas educacionais, a BNCC reconhece as interações e a brincadeira como eixos estruturantes da Educação Infantil. Seus seis direitos de aprendizagem — conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se — apontam para uma criança que participa ativamente das experiências e constrói conhecimentos nas relações que estabelece (BRASIL, 2018). Por isso, o brincar não deve depender apenas da decisão ocasional de um adulto nem ser oferecido como prêmio por bom comportamento.

Garantir o direito de brincar exige mais do que deixar alguns brinquedos disponíveis. A escola precisa organizar espaços seguros, oferecer materiais variados e reservar tempo suficiente para que as crianças possam se envolver nas atividades. Também é importante considerar que elas têm interesses diferentes: algumas preferem correr e explorar o pátio; outras gostam de desenhar, montar peças, ouvir histórias ou observar antes de participar. Uma rotina que respeita a infância acolhe essas diferenças.

Dar liberdade para brincar não significa deixar as crianças sem acompanhamento. O adulto continua responsável pela segurança, pelo cuidado e por ajudar a resolver situações em que alguém esteja sendo excluído ou possa se machucar. O desafio é encontrar equilíbrio: orientar quando necessário, mas sem decidir tudo pela criança ou impedir que ela faça escolhas e crie suas próprias brincadeiras.

## 4 CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

### 4.1 Desenvolvimento físico e exploração do corpo

O corpo participa de muitas descobertas durante a brincadeira. Ao correr, pular, dançar, equilibrar-se, encaixar peças ou modelar massinha, a criança experimenta movimentos e percebe o que consegue fazer. Essas ações podem contribuir para a coordenação motora, o equilíbrio e a orientação no espaço. Atividades como desenhar, encaixar e manipular objetos menores também favorecem o controle dos movimentos das mãos e dos dedos.

Essas experiências devem ser oferecidas de acordo com a idade, as necessidades e as condições de segurança de cada criança. Não se trata de transformar a brincadeira em um treino de movimentos, mas de reconhecer que o corpo também aprende quando tem oportunidade de explorar. Pátios, jardins e salas organizadas para a movimentação ampliam as possibilidades e tornam a rotina mais rica.

A organização dos espaços mostra, na prática, a importância que a escola dá à infância. Quando os materiais estão ao alcance das crianças e existe tempo para explorar, elas podem agir com mais autonomia. Já uma rotina em que passam muito tempo sentadas e realizando tarefas iguais limita as experiências corporais e reduz as oportunidades de descoberta.

### 4.2 Desenvolvimento cognitivo, imaginação e linguagem

Uma torre de blocos que desmorona, uma pista inventada no chão ou um mercado de faz de conta podem despertar perguntas e tentativas. A criança observa o que aconteceu, experimenta outra maneira e procura uma solução. Na brincadeira de mercado, por exemplo, pode separar objetos, contar produtos, inventar preços e conversar sobre os papéis de vendedor e cliente. São situações em que diferentes conhecimentos aparecem de forma ligada à experiência vivida.

O faz de conta merece atenção porque permite à criança imaginar situações e dar novos sentidos aos objetos. Pimentel (2008), ao abordar o jogo a partir da perspectiva histórico-cultural, discute a relação entre ludicidade, imaginação e desenvolvimento psicológico. Essa contribuição ajuda a entender por que um objeto simples pode ganhar outra função durante a brincadeira: o significado criado pela criança passa a orientar sua ação.

A linguagem também se desenvolve nas interações que acontecem enquanto as crianças brincam. Elas conversam para decidir o que fazer, explicam regras, contam histórias e defendem suas ideias. Quando aparecem divergências, precisam ouvir os colegas e encontrar uma forma de continuar. O professor pode contribuir oferecendo materiais, fazendo perguntas e demonstrando interesse pelo que as crianças contam, sem tomar para si todas as decisões.

É importante ter cuidado para não transformar toda brincadeira em uma atividade com resposta certa ou objetivo escolar obrigatório. Jogos planejados podem fazer parte da rotina, mas a criança também precisa de momentos em que possa escolher, experimentar e brincar pelo prazer de brincar. Nem toda aprendizagem precisa aparecer em uma folha ou ser avaliada imediatamente.

### 4.3 Desenvolvimento emocional, autonomia e convivência

Durante a brincadeira, diferentes sentimentos podem aparecer. A criança pode ficar feliz ao participar, frustrada quando sua ideia não é aceita ou orgulhosa quando consegue realizar algo que parecia difícil. Essas situações fazem parte da convivência. Com um adulto

atento por perto, podem se tornar oportunidades para conversar sobre o que aconteceu, reconhecer sentimentos e pensar em maneiras de resolver os conflitos.

A autonomia se constrói também em escolhas simples: decidir do que brincar, escolher os materiais, sugerir uma regra ou mudar o rumo de uma história. Quando o professor escuta essas iniciativas e permite que as crianças participem das decisões possíveis, mostra que suas opiniões têm valor e que elas podem contribuir para o que acontece no grupo.

Isso não significa que tudo seja permitido. Os combinados e os limites continuam sendo necessários, principalmente para garantir o cuidado e o respeito entre todos. A diferença está em explicar esses limites com diálogo e, sempre que possível, envolver as crianças na construção dos combinados.

Nas brincadeiras em grupo, as crianças precisam dividir materiais, combinar papéis e lidar com ideias diferentes. Nem sempre chegam a um acordo de imediato, e os conflitos podem acontecer. Nesses momentos, o professor pode ajudar a organizar a conversa, ouvir os envolvidos e buscar alternativas para que ninguém fique de fora e todos tenham oportunidade de participar.

Cotonhoto, Rossetti e Missawa (2019) discutem a contribuição dos jogos e das brincadeiras para aspectos cognitivos, sociais e emocionais do desenvolvimento. O estudo reforça a importância de compreender a criança de maneira integral: movimento, pensamento, sentimentos e relações não se desenvolvem de forma isolada, mas se articulam nas experiências do cotidiano.

## 5 O PAPEL DO PROFESSOR E A ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS LÚDICAS

A participação do professor começa antes mesmo de a brincadeira acontecer. É ele quem organiza o espaço, separa materiais variados e garante tempo para que as crianças possam explorar. Durante a atividade, sua tarefa é observar, escutar e perceber se alguma intervenção pode ampliar a experiência. Em certas situações, uma pergunta ou a apresentação de um novo objeto ajuda; em outras, o melhor é permitir que as crianças conduzam a brincadeira.

Pimentel (2008) contribui para essa reflexão ao discutir o jogo e a imaginação na perspectiva histórico-cultural. Quando o adulto determina todos os papéis e estabelece um roteiro que não pode ser alterado, pode acabar reduzindo as possibilidades de criação. Por outro lado, quando oferece materiais e acompanha com atenção, permite que as crianças desenvolvam suas próprias ideias.

O planejamento pode reunir brincadeiras que nascem da iniciativa das crianças e propostas organizadas pelo professor. Em alguns momentos, elas escolhem os temas, os parceiros e os materiais; em outros, o educador apresenta uma história, uma música, um jogo ou um objeto que amplia o repertório do grupo. As duas formas podem estar presentes, desde que as crianças tenham espaço para participar e fazer escolhas.

O professor também precisa observar se todas as crianças conseguem participar. Algumas podem encontrar barreiras relacionadas à comunicação, à mobilidade, ao acesso aos materiais ou à interação com os colegas. Adaptar um recurso, reorganizar o espaço ou oferecer apoio pode fazer diferença. Incluir não é apenas permitir que a criança esteja no ambiente, mas criar condições para que ela brinque, escolha e contribua com o grupo.

Colete e Mariotti (2022), ao analisarem estudos sobre o brincar e a formação dos professores, chamam atenção para a maneira como os educadores compreendem e utilizam as brincadeiras na Educação Infantil. Essa discussão reforça que trabalhar com ludicidade exige preparo: o professor precisa estudar, observar as crianças e refletir sobre as escolhas que faz no planejamento.

A aproximação com as famílias e a comunidade também pode enriquecer as experiências. Cantigas, jogos tradicionais, histórias e brincadeiras conhecidas pelos adultos podem ser compartilhadas com as crianças e ganhar novos sentidos na escola. Dessa forma, a instituição reconhece que os conhecimentos infantis não começam quando a criança entra na sala de aula, pois são construídos em diferentes espaços de convivência.

## 6 DESAFIOS PARA GARANTIR O BRINCAR NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mesmo com o reconhecimento da importância do brincar, garantir sua presença todos os dias ainda é um desafio. Horários muito cheios, espaços pequenos, falta de materiais e a preocupação em antecipar conteúdos do Ensino Fundamental podem diminuir o tempo das brincadeiras. Quando a rotina é organizada apenas pelas tarefas dos adultos, corre-se o risco de deixar em segundo plano as necessidades e os interesses das crianças.

Outro cuidado é não usar a brincadeira somente como um jeito diferente de ensinar letras, números ou outros conteúdos. Jogos com objetivos pedagógicos podem ser interessantes e fazer parte do planejamento, mas não devem ocupar todos os momentos lúdicos. A criança também precisa ter liberdade para inventar, escolher e brincar sem que cada ação tenha de resultar em uma produção ou em uma resposta esperada.

Colete e Mariotti (2022) ajudam a perceber que a forma como o professor entende a brincadeira influencia o espaço que ela ocupa na rotina. Por isso, a formação continuada e o planejamento coletivo são importantes. Os educadores precisam ter oportunidade de estudar, trocar experiências e pensar em condições reais para que as crianças brinquem com qualidade.

Também é necessário lembrar que as crianças não brincam todas do mesmo jeito. Elas têm interesses, ritmos, experiências e formas de comunicação diferentes. Uma proposta que considera essa diversidade procura evitar que algumas permaneçam sempre olhando enquanto outras participam. Ajustar materiais, espaços e regras pode abrir caminhos para que mais crianças façam parte da atividade.

Garantir o direito de brincar não depende apenas do professor. A gestão escolar precisa organizar espaços e horários; a equipe pedagógica deve apoiar o planejamento; as famílias podem compartilhar experiências culturais; e as políticas públicas precisam oferecer condições para o funcionamento das instituições. Esse direito se torna real quando aparece nas oportunidades que as crianças encontram todos os dias.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura das publicações selecionadas permitiu identificar algumas ideias que aparecem com frequência: a brincadeira está ligada ao desenvolvimento infantil, é construída nas relações sociais e culturais e cria oportunidades de aprendizagem. Os estudos também indicam que sua presença na escola depende de escolhas pedagógicas e de condições institucionais que respeitem a participação das crianças. A seguir, essas contribuições são colocadas em diálogo, considerando o alcance e os limites dos trabalhos consultados.

Queiroz, Maciel e Branco (2006) e Rivero e Rocha (2019) mostram, por caminhos diferentes, que as brincadeiras têm relação com os contextos em que as crianças vivem. Ao brincar, elas retomam experiências, mas também inventam situações e constroem novos significados com os colegas. Para o professor, observar esses momentos pode ajudar a compreender interesses e formas de participação, sem tirar conclusões apressadas sobre cada comportamento.

Pimentel (2008) oferece elementos para pensar a relação entre jogo, imaginação e desenvolvimento psicológico. No faz de conta, os objetos podem assumir funções diferentes daquelas que têm na vida cotidiana. Essa possibilidade mostra a importância de oferecer materiais variados e espaços que permitam inventar, em vez de limitar cada brinquedo a uma única forma de uso.

Cotonhoto, Rossetti e Missawa (2019) discutem como jogos e brincadeiras podem contribuir para diferentes dimensões do desenvolvimento. Em diálogo com a BNCC, essa discussão ajuda a compreender que o brincar não ocupa um lugar secundário na Educação Infantil. Ele se relaciona aos direitos de conviver, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, previstos no documento curricular (BRASIL, 2018).

Ao mesmo tempo, a leitura dos estudos deixa claro que oferecer brinquedos, por si só, não garante uma experiência de qualidade. É preciso considerar a formação dos profissionais, a organização dos espaços, a acessibilidade dos materiais e a maneira como as crianças são convidadas a participar. Também é importante equilibrar propostas conduzidas pelo professor com momentos em que elas possam decidir os rumos da brincadeira.

Por ser uma revisão narrativa, esta discussão reúne e interpreta um conjunto de publicações, mas não pretende apresentar resultados que possam ser generalizados para todas as escolas. Também não permite afirmar relações de causa e efeito. Sua contribuição está em organizar reflexões que ajudam a compreender o brincar como direito da criança, expressão cultural e parte importante do trabalho pedagógico.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, fica ainda mais evidente que brincar não pode ser tratado como um detalhe da rotina da Educação Infantil. É uma experiência que faz parte da vida da criança e por meio da qual ela movimenta o corpo, imagina, conversa, experimenta, cria vínculos e compreende melhor o que acontece ao seu redor. Muitas dessas aprendizagens não aparecem imediatamente em uma atividade escrita, mas isso não diminui seu valor.

As leituras realizadas também mostram que as brincadeiras carregam marcas da cultura e das relações que cada criança vive. Ela leva para a escola palavras, histórias, músicas e costumes de sua família e de sua comunidade e, junto com os colegas, transforma essas referências em novas experiências. Por isso, a escola precisa acolher diferentes repertórios e respeitar os vários modos de brincar e participar.

O professor tem uma presença importante nesse processo. Seu trabalho envolve preparar o ambiente, oferecer possibilidades, observar as relações e perceber quando uma criança precisa de apoio. Não é necessário controlar cada etapa da brincadeira. É preciso estar disponível, saber quando intervir e, em outros momentos, confiar nas ideias e nas escolhas que surgem entre as próprias crianças.

A BNCC reforça essa compreensão ao reconhecer as interações e a brincadeira como eixos estruturantes da Educação Infantil. Mas essa orientação só ganha sentido quando se

transforma em condições concretas: tempo na rotina, espaços seguros, materiais acessíveis, formação dos profissionais e uma organização que respeite a criança como sujeito de direitos.

A criança não precisa deixar de brincar para aprender. Ela precisa encontrar oportunidades para explorar, imaginar, conviver, perguntar e participar de experiências que tenham significado. Valorizar a brincadeira é reconhecer que a infância não deve ser vista apenas como preparação para o futuro. É uma fase da vida que merece atenção, respeito, cuidado e alegria enquanto está acontecendo.

Como contribuição, este artigo destaca a importância de práticas pedagógicas que garantam momentos de brincadeira livre, ampliem as experiências culturais e favoreçam a participação de todas as crianças. Também chama atenção para as condições oferecidas pelas instituições. Pesquisas futuras podem aprofundar o tema ouvindo crianças e professores e observando como os tempos, os espaços e os materiais são organizados no cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS


BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 4 nov. 2026.

COLETE, Fernanda Cândido Figueiredo Monteiro; MARIOTTI, Milton Carlos. O brincar na educação infantil e suas relações com a formação e visão dos professores: uma revisão de escopo. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2794–2809, 2022. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v17i4.16200.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto; MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozine. A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica. Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 27, n. 28, p. 37–47, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542019000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 4 nov. 2026.

PIMENTEL, Alessandra. A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 26, p. 109–133, 2008. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752008000100007&script=sci_arttext. Acesso em: 4 nov. 2026.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169–179, 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200005.

RIVERO, Andréa Simões; ROCHA, Eloísa Acires Candal. A brincadeira e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil. Revista Brasileira de Educação, v. 24, e240063, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240063.